

**PARA QUEM TRANSCENDE E REACENDE  
DAS CINZAS:  
*UM ENSAIO SOBRE CORPOS TRANSMASCU-  
LINOS NA SOCIEDADE DO CANSAÇO***

**FOR THOSE WHO TRANSCEND AND REKINDLE FROM THE ASHES:  
*AN ESSAY ON TRANSMASCULINE BODIES IN THE SOCIETY OF FATI-  
GUE***

**Miguel Trombini**

Jornalista e mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp).

**E-mail:** miguel.trombini21@gmail.com

**Dimas A. Künsch**

Doutor em Ciências da Comunicação (USP) e docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp).

**E-mail:** dimas.kunsch@gmail.com

## *RESUMO*

Considerando a transfobia que penetra cada um dos poros ativos da sociedade, questiona-se qual o lugar desses corpos senão a margem. No caso de pessoas transmasculinas, que habitam um entre-lugar (João W. Nery) de representatividade escassa, há uma extensa lista de problemáticas que ainda estão longe de ser reconhecidas, legitimadas, discutidas. Este ensaio se propõe a trabalhar os conceitos de sociedade do cansaço e sociedade paliativa (Byung-Chul Han) no contexto da experiência de vida da população transmasculina, lançando luz sobre um lado específico de um conjunto muito grande de marginalizações que acometem essa identidade. A opção consciente pelo gênero do ensaio, numa perspectiva compreensiva, institui uma atmosfera conversacional que, como resultado, aponta para o fato de que as dinâmicas de produção e felicidade compulsória empurram as pessoas transmasculinas para uma posição ainda mais indigna e nebulosa em comparação com as pessoas cisgênero.

**Palavras-chave:** Comunicação. Sociedade do cansaço. Transmasculinidade.

## *ABSTRACT*

Considering the pervasive nature of transphobia in every active pore of society, one may question the place of trans bodies other than the margins. In the case of transmasculine individuals, who inhabit an in-between space (João W. Nery) with scarce representation, a long list of issues remains far from being recognized, legitimized, or discussed. This essay seeks to engage with the concepts of the society of fatigue and the palliative society (Byung-Chul Han) in the context of the lived experiences of the transmasculine population, shedding light on a specific facet of the broader marginalization affecting this identity. The conscious choice of the essay genre, from a comprehensive perspective, creates a conversational atmosphere that ultimately highlights how the dynamics of productivity and compulsory happiness push transmasculine individuals into an even more precarious and uncertain position compared to cisgender individuals.

**Keywords:** Communication. Society of fatigue. Transmasculinity.

## Introdução

Tendo em vista as dinâmicas de produtividade vigentes no sistema neoliberal e capitalista de produção, algumas reflexões espiam na superfície, mas costumam receber pouca atenção em geral. É relativamente fácil, por exemplo, ignorar realidades que já se encontram encobertas sistematicamente, como é o caso da comunidade LGBTQIAP+ e, como este ensaio se propõe a aprofundar, da população transmasculina.

Vale considerar que este trabalho nasce de uma pesquisa de mestrado em Comunicação Social de um dos autores – Miguel Trombini, que é transmasculino e gay –, orientada pelo segundo autor – Dimas Künsch –, cujo tema principal é o fenômeno do *queerbaiting*. A palavra une os termos *queer*, que refere-se à comunidade LGBTQIAP+, e *baiting*, do verbo *to bait*, em inglês, que quer dizer “isca” – traduz-se, portanto, como “isca LGBT”.

Essa prática pode ser definida como uma tática da indústria audiovisual para se comunicar com espectadores que podem apreciar ou demandar a presença de narrativas LGBT sem que o texto confirme explicitamente a não-heterossexualidade dos personagens em questão (Brennan, 2019). Ou seja, o *queerbaiting* articula ambiguidades acerca da orientação sexual de um ou mais personagens e mantém essas vivências em uma posição marginal dentro da própria obra.

Como parte fundamental da investigação tanto da pesquisa de mestrado quanto do presente ensaio, estão os Estudos Queer – ou Teoria Queer. Essa área de estudo começou a se desenvolver nos anos 1980, principalmente nos Estados Unidos, por uma série de pesquisadores e ativistas interessados em investigar identidade de gênero, sexualidade, corporalidades e relacionamentos afetivos que fogem à normativa cisgênero e heterossexual. A consolidação, por assim dizer, da Teoria Queer se deu por meio da publicação do livro *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* nos anos 1990, escrito por Judith Butler. Desde então, as abordagens expandiram-se e cada vez mais se questionam e investigam temas relacionados à diversidade sexual e de gênero.

A transgeneridade no espectro da masculinidade – ou das várias formas de construí-la – apresenta particularidades que condicionam essas experiências a marginalizações específicas. Levando em consideração que, como expressa Byung-Chul Han (2015), vivemos em uma espécie de ditadura da produtividade, podemos pensar em como os corpos transmasculinos ocupam um espaço ainda mais sub-humano que os corpos cisgênero dentro dessa dinâmica. É sobre esse problema que o presente trabalho se debruça, questionando de que maneira a transmasculinidade costuma em regra ser reduzida a um lugar de sombras e como isso torna essas vivências ainda mais árduas num contexto que, sem maiores especificações neste momento, vamos continuar chamando de neoliberal.

O ensaio toma como base de suas reflexões e argumentos, principalmente, os conceitos de sociedade do cansaço (Han, 2015) e sociedade paliativa (Han, 2021), além de um conjunto bibliográfico voltado para o estudo das identidades transmasculinas e seus desdobramentos dentro dos Estudos Queer, o que inclui autores clássicos, como Butler (2022) e Nery (2018), e outros mais contemporâneos, como Preciado (2022).

O presente ensaio divide-se em três partes. A primeira traz um breve panorama sobre a transmasculinidade, algumas de suas definições e os questionamentos levantados a partir dessas experiências. A segunda aprofunda os conceitos de sociedade do cansaço e sociedade paliativa, de Byung-Chul Han, e a terceira verifica como esses conceitos se comportam em sua relação com o objeto de estudo em questão, para, compreensivamente, mais do que respostas que se pretendam definitivas, cuidar do levantamento de novas e mais instigantes perguntas.

A opção pelo ensaio – convém anotar – dialoga bem com uma perspectiva metodológica de natureza compreensiva (Künsch, 2020), que abraça, tece e entretece, chama para uma conversa, trabalha mais com vírgulas e reticências que com pontos finais. A partir de Adorno (1986), sabemos como o ensaio se engendra num ambiente intelectual de liberdade de espírito, namora com a heresia e, sem renunciar ao rigor, leva em alta conta

o vigor a que um texto científico não deveria cometer jamais a ousadia de renunciar.

É de suma importância também assinalar como o ensaio, desde Montaigne, nutre uma relação umbilical com a experiência (Adorno, 1986; Flusser, 1998; Starobinsky, 2011), e isto, no texto que aqui se propõe, se manifesta de diversas maneiras, a mais importante das quais representada pela história de vida de um dos autores. Em um outro nível, a experiência se faz presente, ainda, na relação de cumplicidade entre orientador e orientando em torno de um tema de pesquisa que se deixa sedimentar por momentos intensos de trocas e aprendizagens humano-solidárias, não por último, no confronto com a angústia e a dor que marca tão fortemente o cotidiano das pessoas transmasculinas.

A heresia, por sua vez, poder-se-ia compreendê-la na perspectiva da produção de um texto, a quatro mãos, que reconhece à subjetividade de um dos autores o direito sagrado a se manifestar por meio do uso do pronome pessoal de primeira pessoa, sem prejuízo do conteúdo que se pretende apresentar.

## **Entre o nascer e o transcender**

João W. Nery (1950-2018), homem trans e um dos pioneiros no ativismo LGBTQIAP+ no Brasil, conceituava os transmasculinos como pessoas transgênero designadas mulheres no nascimento, mas que “têm sentimento de pertencimento total ou parcial no gênero masculino” (Nery, 2018, p. 394). São várias as nomenclaturas possíveis: transmasculino, homem trans, transhomem, FtM (*female to male*, ou “do feminino ao masculino”, em tradução livre), entre outros. Neste trabalho, optamos conscientemente pelo termo transmasculino, pois, em nossa concepção, é o que mais abraça as pluralidades trans e melhor questiona os padrões cisgênero do “ser homem”. É possível, porém, ter em conta que os demais também poderiam ser utilizados, a depender do ponto de vista do qual se fala.

Ao trazer à tona o tema da identidade, podemos nos apoiar em Soares (2017, p. 13), quando ele a descreve como “uma elaboração dinâmica e plural, uma fusão entre o ‘eu’ e o ‘outro’ para a constituição do ‘nós’”. Ser transgênero e, neste caso, transmasculino, implica tanto a autopercepção e o autoconhecimento de cada indivíduo quanto a imagem que se reproduz acerca do que se pode ou não pode ser. Butler (2022), por sua vez, sublinha fortemente a relação entre gênero e poder ao frisar que este determina, mais ou menos, o que é possível e o que não é – quem merece viver e quem não merece, se colocarmos no português claro.

Gênero, poder e identidade são, portanto, palavras que se conectam em muitas instâncias e inevitavelmente andam lado a lado, pois unem o “eu” ao “outro” e o “outro” a um macro comandado por um Poder, que aqui empregamos com letra maiúscula a fim de lhe dar o status de nome próprio, de autoridade, por mais tirana que essa possa ser – e na maioria esmagadora das vezes é. Quando Butler (2022) fala de inteligibilidade, ou seja, do que pode ser compreendido e assimilado, ela se refere não apenas a ações governamentais como determinantes do que é ou não inteligível, mas também a saberes e verdades que, simbolicamente – mas nem por isso menos real –, podem nos matar ou nos fazer ressuscitar.

Dentro desse espectro, trazer a transmasculinidade à tona é tocar na ferida subjetiva da masculinidade. O que é? Quem a inventou? Com qual propósito? A imagem que temos de “ser homem” está diretamente ligada a uma visão falocêntrica, patriarcal, monogâmica, branca, heterossexual e cisgênero de mundo. Por conta disso, questionar cada uma dessas marcas enviesadas de masculinidade representa uma condição para se perceber que o plural é o gênero, e, ao mesmo tempo, constitui uma das poucas armas que se tem à disposição para manter a comunidade transmasculina viva e pulsante.

É difícil crescer nadando contra a maré. Em minha experiência pessoal – aqui sou eu, o Miguel Trombini, quem está falando –, fui uma criança que não era entendida e não me entendia também, mesmo que eu ques-

tionasse as normas constantemente, em silêncio. Assistir às outras crianças tornando-se o que se esperava delas era angustiante, porque eu sempre soube que não seria o que queriam que eu fosse, e tudo ao meu redor dizia que o meu destino seria infeliz por causa disso. Quando a transmasculinidade se abriu para mim aos 16 anos, foi como voltar para casa após uma longa viagem perdido em um buraco negro frio e solitário.

Eu não pedi por nada que me foi imposto desde que nasci, e renunciei a maior parte do que me era oferecido – sou ainda eu, o Miguel, quem continua falando, e deixem-me dizer que é com uma boa dose de indignação, quase ódio, que eu assim o expresso. Contudo, até hoje aprecio alguns (muitos) estereótipos de feminilidade que me confortam, e isso não interfere na minha identidade, pelo contrário: me ajuda a construí-la da maneira plural que ela é. Sou transmasculino, sou não-normativo, e cada vez mais me vejo obrigado a curar as feridas que foram abertas em mim desde que me entendo por gente.

Nas sociedades ocidentais, a transmasculinidade no âmbito da construção de uma identidade masculina é reprimida desde cedo, por meio de uma socialização que cultiva sentimentos como culpa, exclusão e incômodo (Castro, et al., 2018). Dentro desse contexto conflituoso, vale destacar, por exemplo, o fato de que os transmasculinos esbarram em violências e exclusões também vivenciadas por mulheres cis e trans. Inclusive, é relativamente comum que a população transmasculina seja incluída em ações e debates transfeministas.

Nery (2018) observa que isso se dá pelo fato de vivermos sob uma visão biologizante do gênero – em que os transmasculinos habitam um entre-lugar. Isso significa que ao ressignificar a noção de masculinidade, esse grupo é visto como aspirante a privilégios machistas, mas ao mesmo tempo suas experiências não são reconhecidas e seus corpos são apreendidos como estupráveis. Pessoas transmasculinas estão marcadas por elementos de controle semelhantes aos que domesticam os corpos das mulheres cisgênero, simplesmente porque, assim como elas, nasceram com vagina (Nery, 2018).

Tendo isso em vista, é importante frisar que pessoas transmasculinas são inicialmente socializadas como mulheres, pois foram designadas como tal ao nascer. Portanto, essa população passa por todo o processo de aprender a se calar, a não reivindicar e a ter seus corpos e vivências reduzidos, na grande maioria das vezes, a nada, porque a lógica do sistema vigente diz que não são dignas de direitos básicos. Da mesma forma que a arquitetura é um meio de organizar o espaço social, o gênero também pode ser lido de tal maneira (Preciado, 2022). Ou seja, as determinações biologizantes e normativas do gênero são, nada mais, nada menos, do que uma das várias formas de dispor os corpos em uma determinada ordem.

Com base nisso, o que temos hoje no entendimento geral do que é “ser homem” é, primeiramente, nascer com pênis. Fora isso, outros fatores podem ser destacados, como se relacionar sexual e romanticamente apenas com mulheres – contanto que elas também sejam cisgênero –, vestir-se de determinada maneira, não chorar, não ser “fraco” e colocar-se contra qualquer coisa minimamente ligada ao que é considerado “feminino”.

As denominações que usamos, os nomes que damos às coisas, são, ao mesmo tempo, uma maneira de estabelecer certos limites e de gravar repetidamente uma norma (Butler, 2019). Isso significa dizer, portanto, que não há o que podemos chamar de “homem original” – ou mulher, tampouco –, e sim reproduções de uma cisheteronormatividade. Por isso, quando colocamos a transmasculinidade e as masculinidades em geral sob discussão, o conceito de masculinidade hegemônica (Connell; Messerschmidt, 2013) muito nos ajuda.

Essa masculinidade não é predominante no sentido estatístico, ou seja, apenas uma minoria numérica realmente corresponde a ela. Porém, com certeza é normativa, pois se refere à forma por meio da qual se espera que os homens se posicionem ou atuem. Esse molde estabelece uma hierarquia de masculinidades e “trabalha em parte através da produção de exemplos de masculinidade [...], símbolos que têm autoridade, apesar do fato de a maioria dos homens e meninos não viver de acordo com eles” (Connell; Messerschmidt, 2013, p. 263).

Nós, transmasculinos – e por “nós” inclui-se um dos autores, Miguel Trombini –, questionamos justamente essas concepções e padrões. Quando contrapomos a transmasculinidade e a transfeminilidade, também notamos alguns aspectos interessantes. Apesar de serem duas identidades que se interseccionam e encontram pontos de semelhança, são essencialmente diferentes. Trata-se de duas vivências que carregam suas respectivas particularidades e marginalizações, e o intuito aqui não é compará-las. Não existe régua para isso e seria no mínimo injusto e cruel rivalizar dois grupos que já são tão violentados social e politicamente.

O ponto que queremos trazer é que, normalmente, vemos mais mulheres trans e travestis nas manchetes quando se trata de crimes violentos. Domingues e Rodriguez (2021) nos levam a refletir sobre isso quando destacam que a visibilidade da comunidade transmasculina é mais recente em comparação à transfeminina, o que não privilegia a última em momento algum, pelo contrário: a expõe a uma violência direta muito maior. Em contrapartida, os transmasculinos, além de estarem sujeitos à violência física, verbal, moral e psicológica, também precisam lutar para serem reconhecidos neste entre-lugar que habitam, como já apontado por Nery (2018).

## Corpos exaustos

Neste momento, abre-se espaço para sobrevoar algumas das ideias e conceitos trazidos por Byung-Chul Han em dois de seus mais conhecidos ensaios: *Sociedade do cansaço* (2015) e *Sociedade paliativa: a dor hoje* (2021). Ambas as obras conversam bastante entre si, pois trabalham temas interseccionais e complementam uma a outra com diferentes nuances de uma sociedade tão bem marcada pela lógica capitalista e neoliberal de produção.

A começar pelo fato de que a sociedade do século XXI não é mais, predominantemente, de tipo disciplinar, e sim a sociedade do desempenho (Han, 2015). Isso significa, principalmente, que produzir é a prioridade: os corpos e as mentes se voltam para a produção mais do que qualquer outra

coisa. Ser útil é ser produtivo. Em vista disso, o ócio, ou o tédio, ganham olhos enviesados. Como assim você não está se ocupando com trabalho?

Dentro dessa lógica, Byung-Chul Han atenta para uma das consequências mais imediatas: a saúde mental.

Doenças neuronais como a depressão, transtorno de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (TDAH), Transtorno de personalidade limítrofe (TPL) ou a Síndrome de Burnout (SB) determinam a paisagem patológica do começo do século XXI. Não são infecções, mas infartos, provocados não pela negatividade de algo imunologicamente diverso, mas pelo excesso de positividade. Assim, eles escapam a qualquer técnica imunológica, que tem a função de afastar a negatividade daquilo que é estranho (Han, 2015, p. 7).

Quando o autor traz o excesso de positividade como um efeito marcante da sociedade do cansaço, pode-se destacar, entre outras coisas – e paradoxalmente –, o fato de que, apesar de toda sobrecarga em termos de produção, existe uma cultura muito forte de gratidão – ou o que isso possa representar na prática. Seja grato. Esteja alegre. Ignore o cansaço. Ser feliz é uma nova maneira de dominação (Han, 2021). A individualização da lógica de trabalho também individualiza o bem-estar. Logo, se você não está feliz, a culpa se aplica a você, e não ao sistema. Os indivíduos preferem evitar o contato social e tentar resolver eles mesmos os próprios problemas, ou seja, desvalorizam o apoio do próximo (Cambaúva et al., 2005).

Engels (1980), em *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, nos permite pensar sobre a maneira como as estruturas de poder estão diretamente ligadas à performatividade social e funcional do gênero no capitalismo. As famílias partem de uma lógica heterossexual e cisgêne-

ro, na qual o relacionamento monogâmico entre um homem e uma mulher burgueses produzirá herdeiros e garantirá a hereditariedade do acúmulo de capital. Por outro lado, a união de um homem e uma mulher proletários irão produzir mais mão de obra barata.

Não podemos deixar de lado o fato de que aspectos como o gênero – além da própria sexualidade e etnia – podem ser determinantes quando se trata do papel dos indivíduos em uma lógica neoliberal de trabalho e produtividade. Todos esses fatores podem ser potencializados quando Han (2021) nos faz refletir sobre a algofobia, que nada mais é do que uma forte angústia frente à dor. O autor chama atenção para o fato de que a relação das pessoas com a angústia diz muito sobre em que tipo de sociedade elas vivem. Como pontuado há pouco, estamos inseridos em um regime de positividade e gratidão compulsórias junto a uma individualização acentuada; logo, toda e qualquer problemática passa a ser ignorada em prol de um falso ideal de bem-estar. Han (2021, p. 8) usa a expressão “zona paliativa” para se referir a uma maneira de viver e fazer política que não toca mais nas feridas abertas.

Não há – ou quase não há – interesse e engajamento real para colocar as maiores fragilidades do sistema em pauta. Nesse contexto, é muito fácil simplesmente nos esquecermos das camadas de marginalização que determinados grupos como os transmasculinos sofrem. Os questionamentos, demandas e obstáculos dessa população se perdem rapidamente em meio a uma rotina de produção desumana, um regime de positividade e o ato compulsório de negar a dor e tudo aquilo que os fere.

Tendo em vista o que foi exposto, podemos questionar de que maneira os corpos e as experiências se comportam. Qual espaço sobra para aqueles que já são colocados à margem, como os transmasculinos? Como lidar com uma ditadura da produção e da felicidade sendo que esses dois fatores por si só já lhes são sistematicamente negados? Essa é a discussão na qual entraremos a seguir.

## **O cansaço em camadas de invisibilização**

A sexualidade por si só já é raramente discutida em ambientes corporativos (Da Silva; Ferraz, 2020), e é fácil concluir que a identidade de gênero é ainda menos abordada. Ora, a cisheteronormatividade reina no mercado de trabalho, tanto que essa é uma das pautas de maior destaque não apenas na comunidade trans em específico, mas em toda a sigla.

Pessoas transgênero geralmente sentem-se deslocadas em ambientes organizacionais, não apenas por estarem em menor número, mas pela exclusão e opressão que pode vir dos heterossexuais e cisgêneros que compõem o ambiente em questão (Da Silva; Ferraz, 2020). Nesse cenário, é importante sublinhar que os corpos transmasculinos, com os quais nos ocupamos neste momento, já estão sistematicamente sujeitos a enfrentar um mercado de trabalho que provavelmente lhe dará as costas ou tornará sua estadia nele bastante difícil.

Dessa maneira, em uma sociedade na qual a produção é a prioridade, quem não consegue produzir ou não possui condições dignas para isso encontra-se um andar abaixo daqueles que melhor correspondem às normativas. É preciso levar em consideração que, além de lidar com as dinâmicas de trabalho, os transmasculinos também precisam arcar com a transfobia impregnada em todas as camadas sociopolíticas e culturais com as quais eles têm contato, ou seja, é uma jornada bem mais complexa do que a daqueles que gozam da cisgeneridade.

Se a ditadura da positividade por si só leva os indivíduos a um estado de torpor e silenciamento da própria dor, quando pensamos na realidade transgênero essa dinâmica ganha proporções mais profundas. Pode-se dizer que as tecnologias e aparatos sociais que regem nossas vidas “aceleram os processos de morte prematura nas identidades trans e para aqueles que os regimes sociais, políticos e representacionais consideram como descartáveis” (Caravaca-Moreira; Padilha, 2018).

Ou seja, se nossos corpos e nossas experiências não fazem parte do que a lógica hegemônica aceita como “correta” ou “digna”, o que sobra para

os transmasculinos dentro de um sistema que por si só já corrói as experiências humanas? Essa população está frequentemente exposta a situações durante as quais pode ser acometida por alguma violência. O entre-lugar (Nery, 2018) que habitam não os protege, e sim os empurra ainda mais à margem. Se eu – quem agora fala é Miguel Trombini – sequer sou reconhecido e legitimado, fico soterrado abaixo do que é considerado humano pelo sistema que nos rege, assim como todos aqueles que fazem parte da mesma comunidade que eu.

Quando Byung-Chul Han (2015) cita os transtornos psicológicos como uma das principais consequências da sociedade do cansaço e do desempenho, vale colocar em questionamento na atual discussão: e a saúde mental de pessoas transmasculinas? A maior parte dos transmasculinos no Brasil já passou por uma violência verbal, institucional ou física, e grande parte do sofrimento psíquico vem da discriminação; ao todo, estima-se que 42% da população transgênero já tentou tirar a própria vida (Benevides, 2018).

Uma vez que são inseridas em uma sociedade cisnormativa, as pessoas trans acabam contaminadas pela lógica binária e cissexista vigente (Jesus, 2013). Tendo em vista isso, as dinâmicas de produção, de angústia à dor e de positividade exacerbada (Han, 2021) apenas potencializam todas as marginalizações e precariedades que os transmasculinos vivenciam desde o momento em que nascem.

Podemos considerar, portanto, que ser uma pessoa transmasculina em meio à sociedade do cansaço configura uma série de violências adicionais, por assim dizer. A partir do momento em que se mostra necessário estar mais próximo das expectativas da cisnormatividade para que a violência reduza, o caráter dessa violência se evidencia (Pfeil, et. al, 2021). Não é possível desprender a transfobia da sociedade do cansaço, nem da algofobia (HAN, 2021), porque ela é resultante das normativas biológicas, sociais e culturais que condicionam os corpos transmasculinos a uma posição marginal e nebulosa.

## Considerações finais

Este ensaio tocou em pontos delicados, tanto no sentido teórico quanto pessoal para um dos autores – Miguel –, que aqui se expôs. Acreditamos que esse é apenas o começo de uma discussão muito maior e muito mais complexa do que pudemos compactar nestas páginas, mas falar de mais ou de menos não é o importante, e sim falar.

Como João W. Nery já destacava, esse entre-lugar que habitam os transmasculinos tem minúcias que infelizmente ainda são pouco abordadas. Relacionar algumas das violências que acometem os corpos transmasculinos com os conceitos de Byung-Chul Han ajudou a expandir os horizontes quando se pensa no que é marginalização e em como ela funciona. É dessa forma – misturando autores, mesclando e abraçando, principalmente – que poderemos chegar a novas perguntas capazes de nos trazer à superfície para respirarmos um pouco.

As pautas transgênero e, neste caso, as transmasculinas, interseccionam de muitas maneiras com uma infinidade de outros temas. Estes encontros ajudam a comunidade trans a se tornar mais presente não apenas nas discussões acadêmicas, mas na experiência social. A Teoria Queer como um todo se mostra uma ferramenta teórica poderosa para leituras dissidentes da realidade, e aqui foi utilizada para analisar as dinâmicas de produtividade e positividade por meio do olhar de quem não está na superfície desse tema, mas ainda assim é atingido por ele.

Como já dito no presente ensaio, crescer nadando contra a maré não é fácil. Ser transmasculino é renunciar, questionar, significar de novo e de novo e, acima de tudo, ser constantemente subestimado de todas as formas possíveis. Este trabalho pôde, pelo menos até certo ponto, lançar luz sobre algumas das várias formas como os corpos transmasculinos se afogam em um mar de problemáticas, e na grande maioria das vezes sequer são considerados vítimas delas, porque é como se não existissem.

Mas eles estão aqui. Eu, Miguel, estou aqui. Sentimos, transcendemos e renascemos, independentemente se tem ou não alguém olhando. O principal objetivo deste trabalho foi, de alguma maneira, levar as pessoas a olhar. Convidá-las a pensar para além da lógica cis que as rodeia. Muitas vezes, é nesses pequenos momentos, nestas breves páginas, que podemos existir.

## Referências

ADORNO, Theodor. O ensaio como forma. In: COHN, Gabriel. **Theodor W. Adorno**. São Paulo: Ática, 1986, p. 167-187.

BENEVIDES, Bruna. Precisamos falar sobre o suicídio das pessoas trans!. Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), 2018. Disponível em: <https://antrabrasil.org/2018/06/29/precisamos-falar-sobre-o-suicidio-das- pessoas-trans/>. Acesso em: 16 de jan. 2024.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”**. São Paulo: n-1 Edições, 2019.

BUTLER, Judith. **Desfazendo gênero**. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

BRENNAN, Joseph (Ed.). **Queerbaiting and fandom: teasing fans through homoerotic possibilities**. Iowa: University Of Iowa Press, 1ª ed., 2019.

CAMBAÚVA, Lenita Gama; JUNIOR, Mauricio Cardoso da Silva. Depressão e Neoliberalismo: Constituição da Saúde Mental na Atualidade. **Psicologia, ciência e profissão**, Maringá, v. 25, n. 4, 2005, p. 525-535.

CARAVACA-MOREIRA, Jaime Alonso; PADILHA, Maria Itayra. Necropolítica trans: diálogos sobre dispositivos de poder, morte e invisibilização na contemporaneidade. **Texto & contexto - Enfermagem**, Santa Catarina, 27 (2), 2018.

CASTRO, Ewerton Helder Bentes de; MIRANDA, Davi; PIMENTEL, Adelmá. Compreensão fenomenológica existencial da identidade de homens trans. **ECOS - Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, 2018, p. 228-239.

CONNEL, Robert W; MESSWERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando

o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 21 (1), 2013, p. 241-282.

DA SILVA, Renan Antônio; FERRAZ, Renato Ribeiro Nogueira. Um estudo sobre a inclusão dos LGBTTT no mercado de trabalho. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, Paraná, v. 13, n. 42, 2020.

DOMINGUES, Luis Mahin; RODRIGUEZ, Shay de los Santos. Homens trans envelhecem? Diálogos entre transmasculinidade e envelhecimento. In: PFEIL, Bruno, et. al (Orgs.). **Corpos transitórios: narrativas transmasculinas**. Salvador: Diálogos, 1ª ed., 2021, p. 49-58.

ENGELS, Frederich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

FLUSSER, Vilém. Ensaios. In: **Ficções filosóficas**. São Paulo: Edusp, 1998, p. 93-98.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2015.

HAN, Byung-chul. **Sociedade paliativa: a dor hoje**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1ª ed., 2021.

JESUS, Jaqueline Gomes de. O conceito de heterocentrismo: um conjunto de crenças enviesadas e sua permanência. **Revista Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 18, n. 3, 2013, p. 363-372.

KUNSCH, Dimas A.; CARRARO, Renata. Comunicação e pensamento compreensivo: o ensaio como forma de expressão do conhecimento científico. **Líbero**, São Paulo, v. 15, n. 29, jun. de 2012, p. 33-42.

KÜNSCH, Dimas A. **Compreender: indagações sobre o método**. São Bernardo do Campo, SP: Editora Metodista, 2020.

NERY, João W. Transmasculinos: invisibilidade e luta. In: GREEN et. al (Orgs.). **História do movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 1ª ed., 2018, p. 393-404.

PFEIL, Bruno Latini; PFEIL, Cello Latini. Da sombra da cisgeneridade a subjetivações transmasculinas. In: PFEIL, Bruno, et. al (Orgs.). **Corpos transitórios: narrativas transmasculinas**. Salvador: Diálogos, 1ª ed., 2021, p. 157-176.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual**. Rio

de Janeiro: Zahar, 1ª ed., 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A filosofia à venda, a douda ignorância e a aposta de Pascal. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 80, março 2008, p. 11-43.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989, p. 34-35.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 31-83.

SOARES, A. M. Identidade e sua dimensão interdisciplinar: o “eu”, o “nós”, o “outro” e o Brasil. **Trama Interdisciplinar**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 13-28, maio/ago., 2017.

STAROBINSKI, Jean. É possível definir o ensaio? **Remate de Males**, 31, p.13-24, dez. 2011.